

JULHO - SETEMBRO 1999



# Roteiros

36. Boletim Informativo do Instituto Dom João de Castro





# EM MEMÓRIA DE SARMENTO RODRIGUES



Ao impecar das longas noites da minha aldeia de Grijó, quando os sinos tocavam às Trindades, quem conduzia as orações familiares, com todos sentados nos escanos ao redor do lar, era a avó Olívia.

Passaram sessenta anos de lembranças desde que morreu, e raro anoitece que não me lembre da solene ladainha de invocações, pelas almas dos paroquianos desaparecidos,

pelos dos familiares que ainda conhecêramos, por antepassados que já eram só da memória dos mais velhos, e finalmente pela segurança dos marinheiros que andavam nos perigos do mar.

Poucos naquela aldeia, e seguramente esse não era o caso da avó, teriam alguma vez conhecido o mar, pouquíssimos tinham tocado as lonjuras das fronteiras do distrito, raríssimos tinham aprendido nas gloriosas escolas primárias toda a história que ali se procurava ensinar, porque o analfabetismo era uma condição de igualdade com reduzida excepção.

Mas a aventura marítima, o sal das lágrimas que se perderam no mar salgado, o mundo das viúvas de vivos levados pelo recrutamento e pela emigração, tinham deixado essa marca na memória do sofrimento colectivo das mulheres que governaram a sociedade civil portuguesa durante séculos de continuado esforço da comunidade, que algumas finalmente ainda veriam o regresso de pais ausentes ao lado dos filhos que criaram, e que iam recebendo, da recitação oral de tais romeiros, a teoria de razões que inspiraram as orações e o apelo ao amparo da fé.

De tempos a tempos destacava-se um comandante desses navios que prolongavam o espaço limitado do país para os infinitos dos oceanos, e regressavam cobertos de veneras e esgotados de energias gastas ao serviço da Pátria, esta sendo uma realidade sem definição lógica, com a qual tinham vivido o mistério de uma parceria que directamente lhes revelara a essência e o projecto da nacionalidade.

Neste século, e neste território nordestino, podemos destacar dois homens dessa fileira, o sacrificado Comandante Carvalho Araújo que se afundou em combate perfurado na ponte do seu glorioso navio, e Sarmiento Rodrigues que, entre outros feitos, salvou o seu navio em condições de milagre, escrevendo um texto que ficará clássico sobre o amor que liga o marinheiro ao barco.

Desse trajecto falam as homenagens que a sua memória recebeu do ramo, designadamente o busto que se encontra no átrio da Academia de Marinha, está um legado do seu amor à cultura, à ciência e à corporação.

Uma instituição que encontrou no Almirante Rogério de Oliveira um continuador notável, ao mesmo tempo possuidor daquela rara grandeza de espírito que nunca esquece os obreiros da herança que defende e enriquece.

Tudo aspectos dos quais melhor falarão os camaradas de armas, aos quais eu próprio estou ligado por mais de quarenta anos de docência no Instituto Superior Naval de Guerra, levado pela mão de Sarmiento Rodrigues.

Falarei antes do transmuntano, do homem e do português, que acompanhei em mais de um passo da sua vida trabalhosa.

Em primeiro lugar, e numa data em que parece generalizada a compulsiva curiosidade pelas miudezas dos trajectos de vida, com referência a lugares comuns de arrumos ideológicos, sentir-me-ia recompensado se conseguisse salientar dois traços fundamentais do comportamento

exemplar do Almirante.

Tinha o culto fortíssimo da amizade, para além das divergências políticas ou ideológicas, ansioso por compreender todas as manifestações plurais das opções dos homens, mantendo as solidariedades acima dessas contingências.

Recordarei

a cumplicidade da estima mantida ao longo de toda a vida com homens como Raul Rego, o republicano, socialista e laico de um trajecto sem quebra de resistência ao regime político da Constituição de 1933; com Norberto Lopes, o crítico incansável que foi mestre do jornalismo de combate, e que tornou gritantes as entrelinhas dos textos que ultrapassaram a censura; com Nuno Simões, exilado da política, embaixador voluntá-



Sarmiento Rodrigues em Moçambique (1961)



rio do Brasil junto dos portugueses, e também dono de uma das mais notáveis garrafeiras de vinho fino do Douro.

Por outro lado, no exercício das responsabilidades políticas, a afinidade mantida por Trigo de Negreiros que regressaria a Abreixo para morrer, por Águedo de Oliveira que regressaria a Macedo de Cavaleiros ao entardecer da vida, por Trigo de Morais que preferiu ser enterrado em Moçambique no colonato para onde ensaiou transferir raízes, modelos e imagens da província originária, e por ele próprio, sempre a falar desta terra onde estamos a recordá-lo, e onde pretendia ter o repouso final.

Um grupo, este dos políticos, que tornou tão evidente a solidariedade transmontana, acima das opções ideológicas, que um jornal atento lhe chamou, um dia, a sereníssima casa de Bragança.

Mas foi ao serviço do Império que principalmente se revelou, uma expressão que, afastada do sentido ideológico que ganhou em conflitos internacionais e internos, é vinculada apenas ao sentido português que lhe deu a história, que Camões consagrou, que um visionário Agostinho da Silva recuperou.

Dos portugueses do seu tempo, esteve certamente entre os que mais extensa e intensamente percorreram,

viveram, e amaram os povos e territórios dispersos do país multicon-tinental, desde a Índia da sua juventude, passando pela Zambézia, gerindo a Guiné, assumindo o Ministério do Ultramar, acabando a governar Moçambique.



Prof. Dr. Dias Rosas, Alm. Samento Rodrigues, Jornalista Luís Lupi, Prof. Dr. Adriano Moreira, Prof. Dr. Paulo Cunha

Haveria de completar esta peregrinação pelo mundo que o português criou, visitando as comunidades por onde passaram a soberania ou a evangelização portuguesas como Malaca, ou onde os descendentes de portugueses formaram comunidades subordinadas lealmente a soberanias diferentes mas sem esquecer as raízes, como aconteceu no Brasil, e muito relevantemente com a comunidade portuguesa da Califórnia, cuja descoberta definitivamente fez radicar em Cabrillo, fazendo institucionalizar a reunião anual da comunidade, baptizar de Cabrillo Road a antiga Carretera Real, organizar o museu, e estabelecer a tradição da vinda de uma embaixadora da juventude local às terras portuguesas.

Esta acção inscreveu-se na iniciativa da Sociedade de Geografia, a que eu próprio presidi, qualidade em que organizei os dois Congressos das Comunidades de Cultura Portuguesa, na década de sessenta, e que percepções limitadas da realidade internacional haviam de colocar entre parênteses até à década de setenta.

Entretanto, a ideia do Império, para além das contingências dos sistemas políticos, que antes referi, foi-se pacificando no espírito do responsável pelo pacifismo do pluralismo étnico da Guiné, do ministro que melhor entendeu os intelectuais de Margão, vendo aproximar a crise do Estado da Índia sem a poder impedir, do observador que se inscreveu entre os partidários da relação privilegiada com o Brasil, do Governador Geral de Moçambique, cargo para o qual tive a honra de o nomear.

Tratou-se, nesse período de desafio final do conceito estratégico nacional que se extinguiria em 1974, de desenvolver um conceito que formulei e que resumirei deste modo: uma certa ideia da maneira portuguesa de estar no mundo; uma maneira de estar que foi servida por variados regimes internos, e sobreviveu a diversas

## INSTITUTO D. JOÃO DE CASTRO

boletim informativo trimestral  
N. de Registo 112 874

### Direcção

Pe. Joaquim António de Aguiar  
António Maria M. Pinheiro Torres  
(Secretário-Geral do IDJC)

### Redacção

Sede do Instituto  
R. D. Francisco de Almeida, 49 — (Restelo)  
1400-117 Lisboa  
Telef. 213 021 728

### Propriedade

Instituto Dom João de Castro  
N.º 212 873

### Difusão

Pedidos à Redacção

Fotocomposição e impressão na EDITORIAL MINERVA  
Rua da Alegria, 30 - Tel. 213 224 950 • Fax 213 224 952 - 1250-007 LISBOA

DEP. LEGAL N.º 18 702/87



estruturas da comunidade internacional; um valor que se tentaria preservar evitando que a violência fosse a dinamizadora da mudança; um acompanhamento reformista da evolução tendo em vista a garantia da igual dignidade de todos os grupos, etnias, culturas, e cidadãos.

Tenho insistido em manifestar a consideração que sempre tive pelo homem que homenageamos, pelo português que primeiro me ligou às questões do Ultramar, salientando que, com o seu passado, autoridade, e distância geracional, não hesitou em servir intransigentemente aquele conceito, que enriquecia com a experiência, que clarificava com a argúcia, mantendo-se firme, quase excepção, quando foi impossível continuar, e desse modo contribuindo, embora somando-se outras razões, para que a sua carreira política terminasse com o fim do mandato do ministro.

Se este foi o único ministro do ultramar português que não recebeu a Ordem do Império, ele foi o único Comandante Chefe que não recebeu a Torre e Espada. Os factos demonstrariam que mereceu esta distinção por omissão, prémio à lucidez do marinheiro que entendia que aquelas guerras se ganham politicamente, não por via militar. Muitos de nós entendíamos que ele seria o homem indicado para presidir à República numa época inevitavelmente de mudança. Mais os interesses, do que percepções diferentes da realidade, conseguiram pôr um ponto final nos projectos, mas não conseguiram evitar a catástrofe final do conceito estratégico nacional.

Fortalecido pela injustiça, o seu espírito de cidadão romano da República manteve-se firme no culto dos valores nacionais, e assim contribuiu para enriquecer o culto da mensagem do Infante D. Henrique, ao qual cada ano, como presidente de uma das Comissões de Geografia, mandava rezar a missa prevista no testamento do Príncipe, enquanto as Universidades de Lisboa e Coimbra discutiam prioridades de aparecimento e se omitiam.

Criando o Centro de Estudos que depois foi a actual Academia de Marinha, implantou um dos centros mais vigorosos de que dispomos para identificar, aprofundar, enriquecer, o património histórico da maneira portuguesa de estar no mundo.

Regressando à terra nordestina, que povoou de amendoieiras mudando a paisagem e fortalecendo o amor de todos à pátria pequena que é a província e a aldeia dos antepassados, repetiu a mensagem ancestral de que a preservação das raízes é a primeira garantia da identidade e da projecção transnacional dessa maneira portuguesa de estar no mundo.

Esse mundo que o português criou, pelo qual andou peregrino em todos os continentes, onde variadas gentes guardam a marca da sua intervenção criadora, e que todos nos acompanham neste dia em que, na terra de origem, de onde partiu para as distâncias, e onde regressou para o abrigo final, viemos deixar testemunho de que um cidadão passou por aqui.

ADRIANO MOREIRA

## COMPLETE A SUA BIBLIOTECA COM LIVROS DE ALTA QUALIDADE

O Instituto D. João de Castro deseja ajudá-lo nesse seu projecto cultural e dispõe das seguintes obras:

Legado Político do Ocidente de Adriano Moreira, César Albuquerque e Alexandre Bugalho .....	5.000\$00
Comentários — Adriano Moreira .....	1.500\$00
Colecção de Tratados, Convenções e outros actos públicos relativos a Portugal — Henrique Martins de Carvalho, 5 Volumes .....	15.000\$00
Ensaio Sobre o Problema de Estado, 2 Volumes de Adelino Maltez .....	5.000\$00
Imperial-Comunismo — Adelino Maltez .....	4.000\$00
Estratégia, 6 Volumes .....	6.000\$00
Mudança Cultural do Brasil .....	3.000\$00
Obras Completas de D. João de Castro, 4 grandes Volumes. Coordenação de Armando Cortesão e de Luis Albuquerque — cada Volume .....	12.500\$00
— A Colecção completa .....	50.000\$00

(Estes preços têm um desconto de 30% para os nossos sócios e leitores de *Rotelros*).



Rua Rosa Araújo, 49-A — 1250-194 LISBOA  
Tel. 352 24 89 — Telefax 42754 Acpur P — Fax 354 09 03  
Lic. DGT n.º 378/83

### FILIAIS:

Shopping Center de Lisboa (Amoreiras), Loja 1122  
1070-103 LISBOA  
Telef. 387 22 88 — Telefax 64888 Acpamo P  
Fax 387 06 41

Rua Santa Catarina, 848/852 — 4000-446 PORTO  
Telefs. 200 24 99 — 200 25 00  
Telex 27133 Acpur P — Fax 200 25 02



UMA  
QUESTÃO  
DE QUALIDADE



# PORTUGAL NA VIRAGEM DO 2.º MILÉNIO

Os responsáveis pela orientação não podem ignorar que vivemos num tempo de viragem, num tempo de crise generalizada nas diferentes áreas do nosso tempo e que se reflectem na vida quotidiana de cada cidadão, na família e nas outras sociedades e organizações que atingem o ser humano, na sua vida global, social e familiar, sem falarmos da área financeira e política.

A crise é geral e aprofundada.

Os Professores de História podem e devem olhar para trás destes mil anos e analisar a crise que atormentou a Europa nos últimos 50 anos do ano 900 e como lentamente entrou no século XI alterando as estruturas sociais, surgindo lentamente uma nova época.

Hoje vivemos outros tempos, mas o que é certo é que a crise do século XX é generalizada e abrange na Europa as diferentes áreas da vida do cidadão.

Os primeiros 50 anos foram 2 guerras que deixaram restos de destruição e em que milhões de cidadãos perderam a vida e outros muitos perderam o seu nível de vida.

A política da paz instalada na Europa Central levou certamente a uma recuperação de que gozavam muitos cidadãos e instituições de todo o género. Não é este o lugar para analisarmos em profundidade a situação difícil que vivemos na Europa certos povos europeus e fechando os olhos ao 3.º e 4.º Mundo.

As Instituições Culturais e Sociais não podem fechar os olhos e soltar estes 3 meses de fim de milénio como se tudo estivesse nas melhores condições para passarmos tranquilos para o 3.º milénio.

A Academia Internacional da Cultura Portuguesa, dentro dum sentido de humildade, também deseja dar uma humilde ajuda para um melhor conhecimento desta situação de passagem para o seguinte milénio.

A Direcção do Conselho de Direcção reuniu no passado dia 28 de Outubro na Sociedade de Geografia com o único objectivo de estudar o modo da sua presença cultural neste fim de milénio que se aproxima a passos rápidos.

Ouvidos os Senhores Conselheiros presentes acolheram por unanimidade dedicar 2 tardes das 17h30 às 20 horas para estudar dois aspectos que foram julgados importantes neste fim de milénio: 1.ª a evolução da ordem política e a 2.ª a evolução da ordem cultural.

É evidente que uma Instituição Cultural como é a Academia Internacional da Cultura Portuguesa, não pode entrar noutras áreas que não são da sua competência.

O Conselho Académico resolveu:

As sessões de trabalho serão realizadas no anfiteatro da Sociedade de Geografia de Lisboa das 17h30 às 20 horas.

Tendo como tema geral: *Portugal na viragem do Milénio*.

1.º No dia 18 de Novembro 5.ª feira, serão tratados os temas — *A Ordem Política: evolução política*, tendo sido indigitado o Prof. Dr. Fernando de Sousa e o 2.º tema: *No dealbar do Século XX: "Portugal no tempo e no mundo"*, tendo sido convidado o Prof. Doutor Adriano Moreira.

2.º No dia 14 de Dezembro (5.ª feira) das 17h30 às 20 horas será tratado o tema "A Ordem Cultural", em 3 alíneas.

a) *As Religiões no século XX* pelo Prof. Dr. Pe. Joaquim António de Aguiar Presidente da Academia.

b) *"A Língua e a Literatura"* pelo Prof. Doutor Justino Mendes de Almeida, Conselheiro Académico e Reitor da Universidade Autónoma de Lisboa.

c) *"A Sociedade da Informação e do Saber"* pelo Prof. Doutor José Veiga Simão.

O Conselho Académico agradece antecipadamente a preciosa colaboração dos Senhores Conferencistas.

O Conselho Académico pensa dedicar outros 2 dias em Janeiro e Fevereiro do ano 2001.

O Conselho Académico tem a certeza que os temas escolhidos são importantes e adequados ao momento crítico que vivemos.

Fazemos os melhores votos pelo bom sucesso desta colaboração dada generosamente pelos Senhores Académicos convidados e que será do agrado dos outros Senhores Académicos que honram a nossa Academia Internacional da Cultura Portuguesa.

Lisboa, 1 de Outubro de 1999

O Presidente do Conselho da Academia Internacional da Cultura Portuguesa  
pe. Dr. Prof. Joaquim António de Aguiar



HOTEL ROMA  
LISBOA

☆☆☆

AV. DE ROMA, 33 — 1749-074 LISBOA  
Tel.: 351.1.793 22 44 • Fax: 351.1.793 29 81

---

EM FÁTIMA:

☆☆☆

HOTEL SANTA MARIA  
Rua de Santo António  
Telefs. 351.49.510 15 / 510 25

HOTEL DOM JOSÉ  
Av. D. José Alves Correia da Silva  
Telefs. 351.49.522 15 / 522 25



# LETRAS LUSO-BRASILEIRAS EM SÃO PETERSBURGO NO SÉCULO XX

## NOTA DA DIRECÇÃO

No n.º 30 da nossa revista *Roteiros*, Janeiro — Março de 1998, publicámos um estudo da Senhora Prof.ª Doutora D. Helena Golubeva Professora da Faculdade de Letras da Universidade "Pedro" de S. Petersburgo, intitulado "Filologia Luso-Brasileira na Universidade de S. Petersburgo no Século XX".

O tema foi retomado na sessão inaugural do Centro Lusófono da Universidade Herzen de S. Petersburgo no passado 15 de Junho, mas foi enriquecido com uma investigação mais aprofundada e alargada e por isso, o publicamos neste n.º 36 de *Roteiros*, julgando que enriquecemos os nossos leitores com mais dados, relativos a um tema, que muito nos agrada, o interesse com que a nossa cultura — literária têm sido estudada neste século de fim de milénio na Rússia.

Não duvidamos, que com a inauguração do Centro Lusófono, o interesse pelo conhecimento da nossa Cultura Literária aumentará, pois juntamente com ele foi também inaugurado o Curso de Língua e Cultura Portuguesa na mesma Universidade Herzen.

Estamos de parabéns, pois o Curso de Língua e Cultura Portuguesa foi muito bem recebido pelos estudantes, que já o estão frequentando com muito interesse como o provaram na sessão inaugural do Centro Lusófono, recitando poesias portuguesas e cantando canções do nosso folclore. Estamos de parabéns.

Pe. Joaquim António de Aguiar

Os dados principais que contém esta informação já foram publicados, parcialmente, em Portugal, no número 25 do Boletim da Academia Internacional da Cultura Portuguesa no artigo intitulado "Filosofia Luso-Brasileira na Universidade de São Petersburgo no Século XX" (1). Agora vamos tratar este tema de maneira mais ampla, falando, em geral, das realizações que tiveram lugar neste domínio, no século XX, na nossa bela cidade, que se chamou, sucessivamente, no curso do século em que vivemos, São Petersburgo, Petrogrado, Leninegrado e, desde 1991, de novo São Petersburgo.

O interesse para as letras lusas surgiu, na Rússia, muito antes, ainda no século XVIII, devido, principalmente, ao grande Camões, cujo nome leva o Centro que inauguramos hoje. Sabemos, por exemplo, que o célebre sábio e escritor russo do século XVIII, Mikhail Lomonossov (1711-1765) conhecia a obra de Luís de Camões, lendo-a, possivelmente, em original (2).

No século XVIII apareceram, publicados em russo em versão prosaica, alguns fragmentos de os "Lusiadas". Em 1788 foi publicado, em Moscovo, em dois volumes, o texto completo do poema de Camões, em tradução prosaica, feita segundo a versão francesa editada por La Harpe (3).

No curso dos séculos XVIII e XIX em Moscovo e São Petersburgo apareceram numerosos artigos, traduções e outras publicações referentes às literaturas portuguesa e brasileira, mas a figura de maior interesse para os russos continuava Luís de Camões. Encontramos provas disso no acervo deixado por muitos literatos russos, por ex., M. Lomonossov (já citado), Batiuchkov, Karamzin, Zhukovski, Puchkin, Tiuchev... É de notar que o famoso escritor e pensador russo do século XIX A. Herzen, cujo nome leva a Universidade Pedagógica de São Petersburgo, também mencionou várias vezes Camões nas suas cartas.

No começo do século XX nas revistas de Moscovo e São Petersburgo continuavam a aparecer publicações dedicadas à literatura portuguesa e brasileira. Nos primeiros decénios do nosso século um interesse particular mereceu a obra de José Maria de Eça de Queirós (1845-1900), grande romancista português da segunda metade do século

passado, criador do realismo crítico nas letras portuguesas. Assim, a revista "Noticiário da Literatura Estrangeira" (*Vestnik Inostrannoi Literatury*) publicou dois romances de Eça de Queirós: "Primo Basílio" e "Os Maias" (em 1911 e 1915); a revista "Contemporâneo" ("*Sovremennik*") publicou em 1913 o "Crime do Padre Amaro", e na revista "Noticiário da Europa" ("*Vestnik Evropy*") apareceu o romance "A Cidade e as Serras" (1917) (4). Se nos séculos precedentes as obras de literatura portuguesa eram traduzidas para o russo principalmente do francês, no começo do nosso século as traduções faziam-se, muitas vezes do espanhol.

O tema camoniano foi retomado, no começo do século XX, com a publicação, em 1915, do estudo de M. Jirmunski intitulado "Comédias de Camões", aparecido na revista "Amor às três Laranjas" (5). O autor do estudo considera que Luís de Camões, partindo das duas correntes teatrais existentes na época em Portugal — a comédia "gótica" de Gil Vicente e a comédia renascentista chamada "de escola" — conseguiu criar um teatro essencialmente novo, nacional pelo seu espírito e clássico pela sua estrutura.

A literatura brasileira figura nas publicações do começo do século, devido, em primeiro lugar, ao grande poeta russo Aleksandr Puchkin (1799-1837), que traduziu uma das "liras" de Tomás António Gonzaga (1744-1810). Ao problema desta tradução foi dedicado um comentário na colecção de obras de A. Puchkin editada em 1903 por P. Morozov (6) e um pequeno artigo de N. Lerner, aparecido na revista "Bibliófilo Russo" ("*Russkii Bibliofil*"), em 1916 (7).

Nas revistas literárias publicaram-se alguns contos de autores brasileiros mais novos, — Artur Azevedo (1855-1908) no "Noticiário da Literatura Estrangeira" em 1910, e Coelho Neto (1864-1934), em "Contemporâneo", em 1914 (8).

Nos anos da Primeira Guerra Mundial, Petersburgo passou a chamar-se Petrogrado. A guerra e os acontecimentos revolucionários não conseguiram apagar por completo a actividade lusista na nossa cidade. Nos anos 20 em Petrogrado formou-se um grupo de entusiastas que conti-



nuavam a tarefa da divulgação das letras lusas. Eram Grigori Lozinski e Matfei Jirmunski com os seus alunos, entre os quais figuravam Olga Vassilieva (mais tarde Vassilieva-Chvede), Faina Aleksandrova e outros. E continuavam a publicar-se traduções de literatura portuguesa.

Em 1922 saiu um volume de narrativas históricas de Alexandre Herculano (9), redigido, prefaciado e comentado por Grigori Lozinski. No mesmo ano apareceram mais dois livros: uma colecção de contos de Eça de Queirós, traduzidos por Zhirmunski, Lavrova, Ryndin, redigida e prefaciada por Grigori Lozinski (10), e o romance "A Relíquia", traduzido por A. Briussov, prefaciado e comentado por G. Lozinski (11). Em 1923, já em Berlim, saiu, ainda em russo, a "Correspondência de Fradique Mendes", traduzida por G. Lozinski, comentada por G. Lozinski e B. Krjevski (12).

A emigração de G. Lozinski e M. Jirmunski pôs fim a esta etapa da actividade lusista na nossa cidade. Mas o interesse para as letras lusas continuava. Em 1927, já em Leninegrado, apareceu um livrinho curioso — contos humorísticos de Anselmo da Rocha entitulado "Duas Rosas" (13). A edição foi realizada pelo jornal "Jornal Vermelho" ("Krasnaia Gazeta") que editava um anexo humorístico "Biblioteca Alegre do Hipopótamo" ("Vesioliaia Biblioteka Beguemota").

A actividade de edições de obras de literatura portuguesa e brasileira na nossa cidade reanimou-se nos anos 30, devido, em grande parte, a David Vygodski, sério hispanista, conhecido também da literatura portuguesa e brasileira, redactor, traductor, poeta (nascido em 1893 e morto em GULAG em 1938 ou 1941).

Em 1935 realizou-se, em Leninegrado, uma nova edição do "Crime do Padre Amaro" de Eça de Queirós, traduzido de espanhol (versão espanhola de Ramón del Valle Inclán) por Mikhail Travtchetov, revisto e prefaciado por D. Vygodski (14).

Nos anos 30 na nossa cidade apareceram também algumas publicações dedicadas à literatura brasileira. Assim, na revista "Estrela" ("Zvezda") foi publicado um artigo de D. Vygodski entitulado "No Este e no Oeste", em que se tratava da obra de alguns autores brasileiros daquele tempo, por ex., dos romances de Jorge Amado "Cacau" e "Suor" (15).

Em 1934 na nossa cidade foi editado um livro que merece uma atenção especial: "Poetas Espanhóis e Portugueses Vítimas da Inquisição" ("Ispanskie i portugalskie poety zhertvy inkvizitsii") (16). O organizador e traductor deste livro foi Valentin Parnakh, que tinha vivido muito tempo em Paris, onde recolheu materiais para o seu livro. A poesia portuguesa é representada por um soneto de Luís de Camões e alguns fragmentos em verso das comédias de António José da Silva (1705-1739) "Anfitrião" e "Labirinto de Creta".

Nos anos trinta na nossa cidade foi por primeira vez efectuada a tradução poética de "Os Lusíadas" de Luís de Camões. O realizador desta grandiosa obra foi Mikhail Travtchetov, (1889-1941), professor de literatura e traductor de versos. Mas esta obra não chegou a publicar-se por



Na inauguração do Centro Lusófono. Conselheiro Cultural da Embaixada de Portugal em Moscovo, Embaixador de Portugal em Moscovo Doutor José Luis Gomes. Reitor da Universidade de S. Petersburgo Prof. Doutor Guenadig Berdovskig. Pe. Joaquim António de Aguiar. Prf. Dr. Vadim Kopil. 15/6/99

completo por causa da Segunda Guerra Mundial. M. Travtchetov morreu no bloqueio de Leninegrado. Só alguns fragmentos da sua tradução apareceram publicados em crestomatias e antologias de poesia renascentista. Em 1991 na revista "Literatura Russa", que se edita em São Petersburgo, apareceu um artigo de Iu. Begunov dedicado ao poema de Luís de Camões na Rússia e à sua primeira tradução poética feita por M. Travtchetov (17).

Um passo importante para a filosofia ibero-românica russa foi dado em 1941, quando saiu à luz o livro "Esboço sobre a História das Línguas de Espanha", cujo autor era o académico Vladimir Chichmariov (1875-1957), eminente filólogo-romanista (18). No capítulo entitulado "Galego e Português" considerava-se, no plano histórico, a área linguística ocidental da Península Ibérica, e também, de maneira concisa, a formação das literaturas galega e portuguesa desde as suas origens.



Os estudos luso-brasileiros, interrompidos pela Segunda Guerra Mundial, foram retomados depois do seu fim. Em 1947 apareceu HISPÂNICA, Boletim Científico da Universidade de Leninegrado, edição dedicada à filosofia da Península Ibérica (19). Nesta publicação figuravam quatro artigos sobre os problemas do mundo Luso-Brasileiro. Cada um deles era resultado de sério trabalho de muitos anos.

Mikhail Alekseev (1896-1981), célebre investigador das relações internacionais da literatura russa, falava no

facultativo de língua portuguesa, dirigido por Faína Aleksandrova. Neste seminário aprenderam a língua portuguesa alguns estudantes da Secção de Filosofia Espanhola, entre eles Inna Tchejegova (1929-1990), que foi, depois, excelente tradutora de literaturas de expressão espanhola e portuguesa, e Galina Neustroeva, futura académica correspondente da Academia Internacional da Cultura Portuguesa.

O ano de 1962 foi um ano crucial para a lusística russa. Neste ano a Secção de Filosofia Espanhola da Universida-

de Clássica da nossa cidade, dirigida por Olga Vassilieva-Chvede, foi transformada, por sua iniciativa, na Secção Hispano-Portuguesa. Nesta Secção, por primeira vez no nosso país, começou a realizar-se a preparação universitária de especialistas em língua portuguesa e literaturas de expressão portuguesa. O primeiro professor de Português da primeira turma de lusistas foi Anatoli Gach, formado pela Secção de Filosofia Espanhola. Em 1964 O. Vassilieva-Chvede e A. Gach publicaram um livro que devia facilitar o trabalho dos professores e estudantes lusistas — uma



No Centro Lusófono da Universidade Herzem — Prof.<sup>a</sup> Doutora D. Helena Galoveva, Directora do Centro e Prof. Doutor Vadim Kopil Vice-Director do Centro com visitas no dia da abertura

seu artigo "Puchkin e o Poeta Brasileiro" da tradução feita pelo grande poeta russo de uma das "liras" de Tomás António Gonzaga.

Faina Aleksandrova (1891-?), especialista na filosofia italiana e portuguesa, publicou um artigo sobre as "Odes Modernas" de Antero de Quental.

No Boletim HISPÂNICA foram publicados dois artigos de Olga Vassilieva-Chvede (1896-1987). No primeiro — "Sobre os Problemas da Língua Portuguesa no Brasil" sublinhava-se a importância da língua nacional dos brasileiros e descreviam-se as suas principais particularidades fonéticas, sintácticas, léxicas. O segundo artigo, entitulado "Materiais Linguísticos da Expedição Russa no Brasil nos anos 1821-1829" foi dedicado à actividade linguística da famosa expedição russo-brasileira chefiada por G. Langsdorff, conhecido cientista e viajante russo de procedência alemã. Esta expedição, além de numerosos objectos naturais e etnológicos, recolheu também interessante material linguístico — listas de palavras dos falares de algumas tribos índias, anotações sobre a "língua geral do Brasil".

Nos anos 50 no quadro da Cátedra de Filosofia Românica da Universidade Clássica foi organizado um seminário

Antologia, em língua portuguesa, que incluía fragmentos das obras dos melhores autores portugueses e brasileiros dos séculos XIX — XX (20).

Os estudantes-lusistas deviam aprender, desde o primeiro ano, a língua portuguesa e ouviam cursos especializados de filosofia e cultura luso-brasileira: história da literatura portuguesa e brasileira, história da língua portuguesa, lexicologia e estilística portuguesa, língua portuguesa no Brasil e na África, história e geografia dos países lusófonos, etc.

A actividade dos lusistas de São Petersburgo mereceu uma alta apreciação em Portugal. Quatro lusistas da nossa cidade — Helena Golubeva, Irina Khokhlova, Galina Neustroeva e Vadim Coplj tiveram a honra de ser eleitos, em 1995-1996, académicos correspondentes da Academia Internacional da Cultura Portuguesa.

Os professores-lusistas de São Petersburgo realizam um intenso trabalho no domínio de preparação e publicação de manuais e livros de estudo com o fim de facilitar e aperfeiçoar o processo de ensino, e levam a cabo sérias investigações científicas dedicadas à língua, literatura, cultura e história dos países de expressão portuguesa. A fundadora



da Secção de Filosofia portuguesa, O. Vassilieva-Chvede, além de estudos publicados no boletim HISPÁNICA e da Antologia de autores portugueses e brasileiros editada com A. Gach, é também autora de alguns artigos sobre a língua portuguesa de Portugal e do Brasil, e de estudo comparado



Prof.ª Dr.ª Helena Golubeva — Directora do Centro Lusófono da Universidade Herzen inaugurado no dia 15/6/99

das línguas da Península Ibérica, incluindo o português e o galego; participou em vários Congressos Internacionais de Filosofia Românica (21).

Esta incansável e multilateral filóloga deixou também estudos no domínio das literaturas ibero-românicas, por ex., um interessante artigo sobre as cantigas de escárnio e maldizer dos trovadores galaico-portugueses comparadas com a poesia satírica dos trovadores provençais (22).

Outros lusistas de São Petersburgo, alunos, na sua maioria, de O. Vassilieva-Chvede, também deram sua contribuição aos estudos luso-brasileiros. Galina Neustroeva, além de numerosos artigos, editou um manual de gramática teórica portuguesa (23). Helena Golubeva publicou um manual de fonética portuguesa para os russos (24). Aleksandr Iaruchkin, que se especializa em problemas ligados com a língua portuguesa na África, é autor de alguns artigos e de uma pequena monografia-manual "Língua Portuguesa na África" (25).

Vadim Caryl, formado pela Secção de Filosofia Espanhola, começou a trabalhar na Universidade Clássica como professor de Português. Desde 1975 é professor docente na Universidade Pedagógica Herzen, foi chefe de Departamento na Faculdade de Línguas Estrangeiras, organizador e director dos cursos de Português, organizador do ensino do Português como segunda língua, colaborou na realização do III (1992) e do VIII (1997) Forum Universitário de Estudos Europeus em São Petersburgo. V. Caryl é autor de artigos dedicados aos problemas de gramática e estilística do português e de livros, publicados como manuais, que

apresentam o sistema de sufixos diminutivos e aumentativos no português de Portugal (26).

Os filólogos da nossa cidade realizam também estudos dedicados às literaturas portuguesa e brasileira, além do já mencionado académico M. Alekscev. Aleksandr Smirnov (1883-1962), eminente filólogo, professor catedrático da Universidade Clássica, fala da poesia trovadoresca galaico-portuguesa no seu livro "Literatura Medieval de Espanha" (27). Zahar Plavskin, que foi, durante muitos anos, professor catedrático na Universidade Clássica, especialista na história das literaturas de expressão espanhola, também escreve sobre a literatura portuguesa, e dedicou um capítulo, no seu manual intitulado "Literatura de Espanha dos Séculos IX-XV", aos trovadores galaico-portugueses (28).

Em 1970, na revista "Revue de Littérature Comparée" que se edita em Paris, no número 4 (Outobre-December) apareceu um artigo de singular importância para as letras lusas no nosso país: "Camões dans la littérature russe" (2). O seu autor, B. L. Candel, trabalhou durante muitos anos na Biblioteca Nacional (antes Biblioteca Pública) da nossa cidade. O artigo, ricamente documentado, contém dados sobre as traduções da obra de Luís de Camões na Rússia desde o século XVIII, publicações dedicadas ao grande poeta português aparecidas na Rússia, referências a Luís de Camões na obra e nos arquivos dos escritores russos.

Em 1972, a Secção de Filosofia Hispano-Portuguesa foi dividida em duas secções independentes: Espanhola e Portuguesa. Alguns especialistas mais novos, formados já pela Secção de Filologia Portuguesa, também se ocupam seriamente com as letras Lusitas. Irina Khokhlova, professora docente da Faculdade de Filologia da Universidade Clássica de São Petersburgo, publicou numerosos artigos dedicados aos trovadores galaico-portugueses, a obra de Luís de Camões e Fernando Pessoa.

Andrei Rodoski, professor docente da Faculdade de História, escolheu como tema principal a poesia portuguesa do século XIX, à que dedicou numerosos artigos e informações em conferências científicas.

O panorama de estudos luso-Brasileiros na nossa cidade seria incompleto se não mencionássemos a actividade do professor catedrático Boris Komissarov, chefe do Departamento de História Nova e Novíssima na Universidade Clássica de São Petersburgo, presidente da Associação



Internacional de Estudos Langsdorff (AIEL), membro correspondente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Boris Komissarov dedicou muitos anos de intenso trabalho à investigação das relações russo-brasileiras, em que ocupa um lugar importante o estudo escrupuloso dos materiais da expedição mista russo-brasileira chefiada por G. Langsdorff (1822-1829). Os resultados destas pesquisas foram publicados em muitos artigos e livros na Rússia e no estrangeiro. Por ex., a monografia "Petersburgo — Rio de Janeiro", publicada em russo, em que se descreve a época inicial do estabelecimento das relações russo-brasileiras (1808-1828). Com participação de B. Komissarov foram publicados no Brasil, em 1988, três volumes de desenhos e aguarelas dos pintores — participantes da Expedição, uma descrição concisa da Expedição Langsdorff e, nos anos 1996-1999, os diários de Langsdorff, traduzidos para português (29).

A divulgação da literatura portuguesa e brasileira na Rússia, começada de maneira tão activa no início do século, voltou a reanimar-se depois da Segunda Guerra Mundial, principalmente a partir dos anos 60. Na editora moscovita "Literatura Artística" foi criada uma redacção, chefiada por Valeri Stolbov (1913-1991), especializada na tradução e edição de obras de autores espanhóis, portugueses e latinoamericanos. Para participar neste trabalho também foram convidados alguns filólogos da nossa cidade, tanto mestres de nome já conhecido — Ivan Likhatchev (1903-1972), Aleksei Chadrin (1911-1983), como tradutores novos, que faziam os seus primeiros passos no domínio das letras — Inna Tchejegova, Aleksandra Koss, Guennadi Chmakov, Anatoli Gach, Helena Golubeva e outros. Mencionaremos alguns livros, na edição dos quais tomaram parte os especialistas da nossa cidade. A "Peregrinação" de Fernão Mendes Pinto, traduzida por Ivan Likhatchev (30); "O Guarani" de José de Alencar, traduzido por A. Chadrin (31); o "Arco de Santa Ana", de Almeida Garrett, traduzido por A. Koss (32); "Os Maias", de Eça de Queirós, tradução de I. Tchejegova (33); "Sob o Céu do Cruzeiro do Sul", colecção de novelas brasileiras dos séculos XIX-XX, organizada e parcialmente traduzida por A. Gach e H. Golubeva (34).

Dois livros de traduções de literatura portuguesa apareceram nos anos 60-70 na nossa cidade, editados pela filial da "Literatura Artística", sob redacção de Nina Snetkova, organizados e prefaciados por H. Golubeva. São os "Retá-

hos da Vida de um Médico", de Fernando Namora (35) e o "Alcaide de Santarém", contos de Alexandre Herculano (36), traduzidos por G. Stepanov, V. Fedorov, G. Chmakov, A. Koss, H. Golubeva e outros.

Os lusistas de São Petersburgo tomam parte também



Grupo de alunas de Português da Universidade Herzen com o Prof. Dr. Vadim Kopil

nas edições de poesia portuguesa. I. Khokhlova e H. Golubeva organizaram a selecção de poesia lírica de Luís de Camões em dois livros: "Luís de Camões. Lírica" (1880) e "Luís de Camões. Lusíadas. Sonetos" (1987) (37).

Em 1974 saiu a "Poesia Portuguesa do Século XX", organizada e prefaciada por H. Golubeva, com participação dos tradutores I. Tchejegova, G. Chmakov, A. Koss, M. Kviatkovskaia, L. Tsivian, V. Vassiliev, e mais alguns, da nossa cidade (38). Este livro, não isento de defeitos, teve, pelo menos, o mérito de ser o primeiro em apresentar aos leitores russos a obra de Fernando Pessoa, Mário de Sá Carneiro, José Régio e muitos outros poetas portugueses do nosso século.

Em 1986 em Moscovo saiu a "Lira Lusitana" (39), antologia de poesia portuguesa desde os trovadores galaico-portugueses até aos poetas do limiar dos séculos XIX-XX, em que, entre outros tradutores da nossa cidade, figurava também Aleksandr Bogdanovski, formado pela secção de filologia portuguesa.

O fim do século foi marcado, em São Petersburgo, pela aparição de alguns livros ligados com a poesia portuguesa. Em 1992 a editora PRANA lançou um mini-livro de sonetos de Luís de Camões, na série "Pérolas da Lírica" (40). Em 1994 A. Rodoski publicou um pequeno mas interessante livro com suas traduções de alguns poetas portugueses dos séculos XIX-XX, desde Almeida Garrett e João de Deus a Manuel Alegre e José Saramago, intitulado "Campos de Flores" (41).

Em 1995 o Centro de Estudos Galegos da Universidade Clássica de São Petersburgo começou a publicar a Antolo-



gia da Literatura Galega, edição ao cuidado de Elena Zernova, Directora do Centro. O primeiro volume — "Poesia dos Trovadores" (42) medievais galaico-portugueses, organizada por E. Zernova e E. Golubeva, redatada por V. Andreev, apareceu com a Introdução de Manuel Regueiro Tenreiro e Prólogo de Xesús Alonso Montero. A maioria das traduções foi feita por filólogos da nossa cidade.

Em 1998 saiu à luz uma obra monumental realizada por Vladimir Vasiliev: "Epigrama Mundial", (43), antologia em quatro volumes que abrange poesia deste género desde o Antigo Oriente até aos nossos dias. O epigrama de expressão portuguesa (vol. II) começa com as "cantigas de escárnio e maldizer" e termina com obras de poetas portugueses e brasileiros do século XX.

Tal foi, em linhas muito gerais, o desenvolvimento do estudo, ensino e divulgação da língua portuguesa e literatura portuguesa e brasileira na nossa bela cidade das margens do rio Nena, no século XX. O Centro Lusófono Camões que inauguramos hoje, tenciona continuar e desenvolver esta actividade no século seguinte, com ampla participação dos estudantes que, actualmente, começam a fazer conhecimento com a língua portuguesa e a cultura lusófona.

## NOTAS

- (1) Golubeva H. Filologia Luso-Brasileira na Universidade de São Petersburgo no século XX. *Acadmeia Internacional da Cultura Portuguesa. Boletim n.º 25.* Lisboa, 1998.
- (2) Os dados referentes às menções de Camões na obra dos escritores russos são tomados de: Candel B. L. Camoens dans la Littérature Russe. *Aperçu historique-bibliographique. In Revue de Littérature Comparée. N.º 4 (Octobre-Décembre) Paris, 1970.*
- (3) *Lusiadas*, poema heróico de Luís de Camões. Parte I-II. Traduzido a partir de tradução francesa de La Harpe por Alexandre Dmitriev, Moscovo, 1788.
- (4) *Eça de Queirós. Primo Basílio. Tradução de português. Noticiário da Literatura Estrangeira.* São Petersburgo, 1911; *Eça de Queirós. Os Maias. Tradução de espanhol. Noticiário da literatura Estrangeira.* Petrogrado, 1915; *Eça de Queirós. O Crime do Padre Amaro. Contemporâneo.* São Petersburgo, 1913; *Eça de Queirós. A Cidade e as Serras. Noticiário da Europa.* Petrogrado, 1917.
- (5) Jirmunski M. *Comédias de Camões. In Amor às Três Laranjas. Revista do Doutor Dapertutto. N.º 4-7.* Petrogrado, 1915.
- (6) Puchkin A. S. *Obras e Letras. Tomo segundo. Sob redacção de Morozov P. O.* São Petersburgo, 1903.
- (7) Lerner N. *Puchkin e o Poeta Português. In Bibliófilo Russo. N.º 4.* Petrogrado, 1916.
- (8) Azevedo Artur. *Viúvo. Noticiário da Literatura Estrangeira. N.º 3.* São Petersburgo, 1910; *O Plebiscito. N.º 5; Marcellina. N.º 12; Coelho Neto. A Cega. Contemporâneo. N.º 4.* São Petersburgo, 1914.
- (9) Herculano, Alexandre. *Novelas Históricas. Tradução de Reits V.; editor literário, autor da introdução e notas Lozinski G.* Petrogrado, Moscovo, 1922.
- (10) *Eça de Queirós. Obras Escolhidas. Tomo primeiro. Contos. Tradução de Jirmunski M.; Lavrova E., Ryndin M., Ensaio crítico-literário e notas por Lozinski G.* Moscovo, Petrogrado, 1922.
- (11) *Eça de Queirós. A Reliquia. Tradução de Briussov A. Ensaio crítico-literário e notas por Lozinski G.* Petrogrado, Moscovo, 1922.
- (12) *Eça de Queirós. A Correspondência de Fradique Mendes. Tradução de Lozinski G. e Lavrova E. Notas de Lozinski G. e Krjevski B.* Berlim, 1923.
- (13) Rocha, Anselmo da. *Das Rosas. Tradução de português por V. G. Biblioteca Alegre do Hipopótamo. Edição do Jornal Vermelho.* Leninegrado, 1927.
- (14) *Eça de Queirós. O Crime do Padre Amaro. Tradução de português por Travtchetov M. Editor literário e autor da introdução Vygodski D.* Leninegrado, 1935.
- (15) Vygodski D. *No Este e no Oeste. In Estrela. N.º 3.* Leninegrado, 1935.
- (16) Parnakh V. *Poetas Espanhóis e Portugueses Vítimas da Inquisição. ACADEMIA.* Leninegrado, Moscovo, 1934.
- (17) Begunov Iu. *O Poema de Camões "Os Lusiadas" na Rússia e a sua primeira tradução poética feita por M. I. Travtchetov. In Literatura Russa. Revista histórico-literária do Instituto da Literatura Russa (Casa de Puchkin) n.º 2, 1991.*
- (18) Chichmariov, V. F. *Esboço sobre a História das Línguas de Espanha.* Moscovo, Leninegrado, 1941.
- (19) HISPANICA. *Boletim científico da Universidade de Leninegrado. N.º 14-15, 1947.*
- (20) Vassilieva-Chvede O. K., Gach A. M. *Literatura Portuguesa e Brasileira. Séculos XIX-XX. (Uma antologia em língua portuguesa).* Leninegrado, 1964.
- (21) A bibliografia completa das obras de O. K. Vassilieva-Chvede está publicada em: *România Antiga e Nova. Edição 5. Os problemas actuais de estudos ibero-românicos. Uma colectânea de artigos publicados em honra de O. K. Vassilieva-Chvede. Ed. lit. K. V. Lamina.* São Petersburgo, 1996.
- (22) Vassilieva-Chvede O. K. *A Poesia Satírica Galaico-Portuguesa e Provençal. O estudo comparado das literaturas. Colectânea de artigos em honra do académico M. P. Alekseev.* Leninegrado, 1976.
- (23) Neustroeva, G. K. *Gramática Teórica da Língua Portuguesa. Morfologia. Manual universitário.* São Petersburgo, 1997.
- (24) Golubeva, H. G. *Fonética da Língua Portuguesa. O Curso Introdutório.* Moscovo, 1981.
- (25) Iaruchkin, A. *A Língua Portuguesa em África.* Leninegrado, 1984.
- (26) Caryl, V. *Os Meios Morfológicos de Expressão da Dimensão e Avaliação em Língua Portuguesa. Manual Universitário.* Leninegrado, 1986.
- (27) Smirnov, A. A. *A Literatura Medieval na Espanha.* Leninegrado, 1969.
- (28) Plavskin, Z. I. *A Literatura de Espanha sécs. IX-XV.* Moscovo, 1986.
- (29) Komissarov, B. N. *Petersburgo — Rio de Janeiro. Estabelecimento de relações. 1808-1828.* Leninegrado, 1987; Komissarov, B. *História da Expedição Langsdorff no Brasil. Colaboração de Danúzio Gil Bernardino da Silva.* São Paulo, 1996; *Os Diários de Langsdorff. Volume I-III. Organizador Danúzio Gil Bernardino da Silva. Editores Boris Komissarov e outros.* Campinas, Rio de Janeiro, 1996-1998.
- (30) Pinto, Fernão Mendes. *Peregrinação. Trad. Likhatchev I.* Moscovo, 1972.
- (31) Alencar, José de. *Guarani. Trad. Chadrin A.* Moscovo, 1985.
- (32) Almeida Garrett. *O Arco de Santa Ana. Trad. A. Koss.* Moscovo, 1985.
- (33) *Eça de Queirós. Obras selectas. Tomo 2. Os Maias. Contos. Tradução de Os Maias por I. Tchejegova.* Moscovo, 1985.
- (34) *Novela Brasileira dos Sécs. XIX-XX. Selecção por A. Gach e H. Golubeva.* Moscovo, 1968.
- (35) Namora, Fernando. *Retalhos da Vida dum Médico. Selecção por H. Golubeva.* Leninegrado, 1968.
- (36) Herculano, Alexandre. *Alcaide de Santarém. Selecção por H. Golubeva.* Leninegrado, 1974.
- (37) *Camões, Luís de. Lírica. Selecção por H. Golubeva, I. Khokhlova.* Moscovo, 1980; *Camões, Luís de. Os Lusiadas. Sonetos. Selecção por H. Golubeva, I. Khokhlova.* Moscovo, 1987.
- (38) *Poesia Portuguesa do Século XX. Selecção por H. Golubeva.* Moscovo, 1974.
- (39) *A Lira Lusitana. Os versos.* Moscovo, 1986.
- (40) *Camões, Luís de. Sonetos.* São Petersburgo, 1992.
- (41) *Poesia Portuguesa dos Sécs. XIX-XX. Trad. A. Rodossli.*
- (42) *Poesia dos Trovadores. Antologia da Literatura Galega. Centro de Estudos Galegos da Universidade de São Petersburgo.* 1995.
- (43) *Epigrama Mundial. Selecção por V. Vassiliev. Vol. I-IV.* São Petersburgo, 1998.



# XI FORUM UNIVERSITÁRIO DE ESTUDOS EUROPEUS

A REALIZAR EM ABRIL DO ANO 2000 NO NORDESTE BRASILEIRO

1.º. Com o encerramento dos 5 Colóquios Universitários de Estudos Europeus e dos 25 Encontros Europeus de Universitários iniciados em 1964 e encerrados em Março de 1989, tinha-se passado ¼ de século no qual se deram grandes mudanças nas diferentes áreas científicas, tecnológicas e metodológicas.

Quem acompanhou conscientemente esses 25 anos na área universitária e nas outras áreas científicas, tecnológicas, comerciais e financeiras e noutras muitas mais, deu-se conta que o século XX estava a findar.

A própria Igreja Católica realizou o Concílio Vaticano II para analisar a situação da Igreja Católica e introduzir alterações profundas e multiseculares que foi necessário acomodar aos novos tempos.

A Direcção do Colégio Universitário Pio XII vivendo no meio Universitário acomodou-se às exigências dos novos tempos. Em Novembro de 1976 surgiu a nova Carta da União dos Estudantes do Colégio Universitário Pio XII.

Em 1989 encerrou o Ciclo dos Encontros Europeus de Universitários realizando o XXV Encontro em Augsburg e organizou em Lisboa na Sala de Portugal da Sociedade de Geografia, uma sessão Solene de encerramento do Ciclo dos Encontros Europeus de Universitários, sendo galardoado com a Medalha Jean Monnet que foi entregue à "Direcção do Colégio" pelo Senhor Presidente da República Dr. Mário Soares, sendo a 2.ª Medalha concedida a Portugal e o Responsável da Direcção do Colégio pela orientação dos XXV Encontros Europeus de Universitários, foi condecorado com o Grande Oficialato da Ordem da Instrução Pública.

2.º. Assim iniciámos uma nova época com a realização do 1.º Fórum Universitário de Estudos Europeus, que teve lugar em Macau. Este 1.º Fórum marcou uma série de directrizes sendo a mais importante, o slogan: "Abertura a Leste".

Seguindo essa orientação realizaram-se 10 Forúms. O 1.º em Macau em Abril de 1990 tendo como tema: "Interesses portugueses no Pacífico e no Índico".

II Foi realizado em Praga em 1991 tendo como tema: "A Casa Comum de Europa".

O III, Este Fórum foi realizado em St.º Petersburgo em 1992, teve como tema: "Diferenças da Grande Europa".

O IV Foi realizado na Eslovénia em 1993 e o tema escolhido foi: "Os novos Fantasmas de Europa".

O V Teve como tema: "A Conquista da Aldeia Global". Este V Fórum foi realizado em Tóquio para comemorar os 450 anos da nossa chegada ao Japão e encerrado em Macau em 1994.

VI Fórum, voltamos a Praga em 1995, tendo como tema: "A Instabilidade generalizada na Europa e suas causas".

Para o VII Fórum, escolhemos Bratislava para a sua realização e teve como tema de estudo: "Novos Caminhos de Santiago" para a formação de uma Nova Europa, 1996.

O VIII Fórum teve a sua realização em St.º Petersburgo em 1997 e foi escolhido o tema: "A Justiça e a Paz" como fundamentos da estabilidade Europeia.

Para o IX Fórum escolhemos de novo Macau em 1998, tendo como tema de estudo: "A Caminho do Oriente" comemorando os 500 anos da chegada de Vasco da Gama ao Oriente.

O X Fórum foi realizado em Goa em 1999 e teve como tema: "E se mais mar houvera lá chegava" (Lusíadas).

Este XI Fórum Universitário de Estudos Europeus vamos tentar realizá-lo no Nordeste Brasileiro, comemorando os 500 anos da chegada do Cabral a Porto Seguro em 22 de Abril de 1500.

Nestes 10 Forúms realizados, participaram 652 estudantes e investiram-se 132.529.374\$00 dando uma média por participante de 203.266\$00.

Porém, este próximo Fórum vai ficar à volta de 21.500 Contos.

Estamos esperançados, que com a ajuda dos nossos incondicionais amigos conseguiremos realizar este XI Fórum no Nordeste brasileiro.

*Pe. Joaquim António de Aguiar*

## GERTAL ESCOLAR ALIMENTA O FUTURO



**gertal**

### Gestão de Qualidade

O equilíbrio alimentar é uma condição necessária ao bom desenvolvimento da criança e do adolescente. Os profissionais da GERTAL, apelados por uma seleção e uma formação rigorosas e por uma vasta experiência em inúmeras instituições escolares, asseguram-lhes uma relação de confiança e um Serviço de Qualidade. Por isso os Alunos, os Professores e os Auxiliares Educativos usufruem do prazer de uma refeição esmerada com base em produtos rigorosamente seleccionados.

Av. Infante Santo, 23 - 12.º Esq. - Tel. 676134 - Telex 13737 Gertal P Lisboa - 1350-177 LISBOA  
Rua Gonçalo Sampaio, 345 - Tel. 499903 - Telex 23420 Gertal P Porto - 4150-368 PORTO